

**RESENHA**





# LA MAQUINA CULTURAL<sup>1</sup>

<sup>1</sup> SARLO, B. *LA MAQUINA CULTURAL*. Maestras, traductores y vanguardistas. Editora Planeta Argentina S.A.L.C.: Buenos Aires, 1998. Sobre a autora: Beatriz Sarlo nasceu em Buenos Aires em 1942. É professora de Literatura Argentina na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Ministrou cursos nas Universidades de Columbia, Berkeley, Maryland e Minnesota. Tem trabalhado sobre literatura popular sentimental, história do prionismo e dos meios de comunicação, cinema e cultura de massas em relação com a produção artística e o papel dos intelectuais. Colabora atualmente nos diários *Página/12* e *Clarín* e dirige desde 1978 a revista *Punto de Vista*.

<sup>2</sup> Doutoranda pela UFRGS-RS. Exerce a função de Professora do curso de Educação Física da UNIJUÍ – RS.

<sup>3</sup> Mestranda pela UFRGS-RS; professora e Coordenadora Pedagógica na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Mestrando pela UFRGS-RS; Orientador Educacional Pedagógico na Escola Fundação Bradesco.

*Maria Simone Schwengler<sup>2</sup>  
Mirtes Lia Pereira Barbosa<sup>3</sup>  
Rodrigo Saballa de Carvalho<sup>4</sup>*

O livro *LA MAQUINA CULTURAL*. Maestras, traductores y vanguardistas é fruto de pesquisa de Beatriz Sarlo e foi lançado em Buenos Aires em 1998. A autora parte do princípio de que tanto as instituições, com suas práticas, quanto as configurações das experiências dos sujeitos, as idéias, os argumentos são produzidos num contexto que ela denominou de maquinaria cultural. Beatriz Sarlo opta por evidenciar as diferentes relações de funcionamento de uma máquina cultural a partir da análise das narrativas de três histórias: de uma professora, de uma tradutora e de um grupo de jovens vanguardistas.

A autora, com muita sensibilidade, dá as pistas para o leitor compreender que uma das engrenagens fundamentais da maquinaria cultural é a Escola. No capítulo I, Sarlo polemiza a idéia que deu origem ao título do capítulo: *Cabezas Rapadas e Cintas Argentinas*. Sarlo problematiza a educação da Argentina no contexto de 1890-1930 a partir da história de formação/atuação da *maestra Rosa del Río*. Mostra que, nesse contexto, a Escola era um espaço de abundância simbólica, ao mesmo tempo em que se apresentava como único caminho capaz de levar uma mulher (daquela época) a conquistar uma certa legitimidade social. Desse modo, vê-se que a análise é fortemente situada e centrada no papel da educação, ao mostrar que o mundo de uma mulher pobre abriu-se pelo fato de frequentar a escola Normal. É interessante verificar como Beatriz Sarlo faz o/a leitor/a perceber o quanto o discurso (com suas sutilezas) do normalismo argentino, que educou a professora estudada, foi eficaz, pois é esse mesmo discurso que ela dirige aos seus alunos. Os planos de estudos e programas desenvolvidos pela *maestra* eram eminentemente nacionais e consagravam muito dos rituais patrióticos. A partir

da análise da posição da *maestra*, Beatriz Sarlo nos leva a pensar que a escola (em qualquer lugar) é uma das engrenagens no contexto da grande maquinaria cultural.

No capítulo II, intitulado *Victória Ocampo o el amor de la cita*, a autora nos relata um pouco da história de Victória Ocampo, tradutora, empresária e intérprete, nascida na Argentina, de família oligárquica que durante sua trajetória de vida procura sempre romper com os paradigmas da burguesia Argentina na qual foi criada, firmando pacto com as pessoas da literatura e das artes. Sua trajetória de tradutora e intérprete se constitui a partir dos anos 20 quando inicia uma trama de amizades e paixões que lhe conferem inúmeras possibilidades de relações que transgridem os limites da América. Sua história se caracteriza por ser um exemplo de uma “máquina de traducir lenguas y libros, de interpretar, de imitar, de trasladar objetos, de moverse em el espacio.” (p.280) Apesar de tentar romper com a cultura na qual foi criada, ainda guardava marcas da educação burguesa que lhe foi oferecida desde a infância, material e intelectualmente. Sua forma de pensar se orienta a partir de seu modelo pessoal e intelectual e depara-se, apesar de suas tentativas, com a impossibilidade de uma “verdadeira” tradução entre diferentes culturas.

O capítulo III da obra, narrado sob o título de *La noche de las cámaras despiertas*, envolve o/a leitor/a a partir de uma narrativa cuja trama é a filmagem, em uma única noite, de sete filmes de curta metragem em plena década de 1970, em meio aos anos de guerrilha e ditadura militar. A autora destaca na narrativa a relação imaginária existente entre vanguarda, estética e política, através de um trabalho de arqueologia cinematográfica sobre os discursos das pessoas que estiveram envolvidas com a produção dos filmes. Este trabalho investigativo descrito habilmente pela autora, reconstrói-se na leitura a partir de uma “bricolage” de imagens recordadas pelas pessoas que viveram a experiência de produção das obras fílmicas.

A escolha da produção dos curtas estava vinculada com definição de uma estética vanguardista através de um caráter artístico esteticamente revolucionário. A temática da censura permeou os curtas mostrando, através do uso de metáforas, como nos diferentes espaços da vida social o capitalismo se instalava através de uma repressão política, econômica e moral.

Quem abre esse livro é conduzido/a pela mão por Beatriz Sarlo a compreender as sutilezas do funcionamento da máquina cultural, ainda que a autora não tenha a pretensão de mostrar o esquema completo de seu mecanismo. A autora saltita, como quem dança (um tango como boa Argentina) com muita desenvoltura, procurando apresentar cada narrativa em seu ritmo, em seu tempo, a partir dos compassos das diferentes vidas estabelecidas com a máquina cultural. Trata-se de um texto fluído, claro, uma vez que a autora tem um estilo próprio de escrita. O livro é, portanto, um convite à reflexão.